

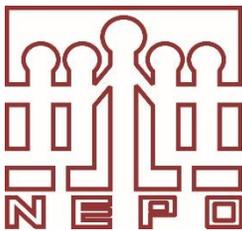
ISSN 1413-9243



T E X T O S
N E P O

88

CAMPINAS, DEZEMBRO DE 2019



**AVÓS QUE RESIDEM COM NETOS: CARACTERÍSTICAS DOS
ARRANJOS DOMÉSTICO-FAMILIAR MULTIGERACIONAIS NO
BRASIL A PARTIR DE 1990**

GLAUCIA DOS SANTOS MARCONDES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitoria

Prof. Dr. **Marcelo Knobel** – Reitor



Pró-Reitorias

Prof. Dra. Eliana Martorano Amaral – Pró-Reitora de Graduação

Profa. Dra. Nancy Lopes Garcia – Pró-Reitora de Pós-Graduação

Prof. Dr. Munir Salomão Skaf – Pró-Reitor de Pesquisa

Prof. Dr. Francisco de Assis Magalhães Gomes Neto – Pró-Reitor de Desenvolvimento Universitário

Prof. Dr. Fernando Augusto de Almeida Hashimoto – Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa

Dra. Ana Carolina de Moura Delfim Maciel

Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”

Dr. **Alberto Augusto Eichman Jakob** – Coordenador

Dra. **Maísa Faleiros da Cunha** – Coordenadora Associada



Produção Editorial: NEPO-PUBLICAÇÕES

Editora dos Textos NEPO

Dra. Glaucia dos Santos Marcondes

Dra. Laeticia Rodrigues de Souza

Dra. Luciana Correia Alves

Edição de Texto: Preparação/Diagramação

Adriana Cristina Fernandes – cendoc@nepo.unicamp.br

Revisão Bibliográfica

Adriana Cristina Fernandes – cendoc@nepo.unicamp.br

FICHA CATALOGRÁFICA: Adriana Fernandes

Marcondes, Glauca dos Santos.

Avós que residem com netos: características dos arranjos doméstico-familiar multigeracionais no Brasil a partir de 1990 / Glauca dos Santos Marcondes. – Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” / Unicamp, 2019.

25p.

(Avós que residem com netos: características dos arranjos doméstico-familiar multigeracionais no Brasil a partir de 1990, TEXTOS NEPO 88).

1. Arranjos Domésticos. 2. Família. 3. Geração. 4. Trocas Intergeracionais. I. Título. II. Série.

As afirmações e conclusões expressas nesta publicação são de responsabilidade exclusiva de seu(s) autor(es) e não refletem necessariamente a visão da instituição.

SÉRIE TEXTOS NEPO

TEXTOS NEPO - publicação seriada do Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” da UNICAMP - foi criado em 1985 com a finalidade de divulgar pesquisas no âmbito deste Núcleo de Estudos e Teses defendidas dentro do Programa de Pós-Graduação em Demografia do IFCH/UNICAMP. Apresentando uma vocação de cadernos de pesquisa, até o presente momento foram publicados **oitenta e oito números**, contando com este, relatando trabalhos situados nas áreas temáticas correspondentes às linhas de pesquisa do NEPO.

Os exemplares que compõem a série vêm sendo distribuídos para instituições especializadas na área de Demografia, ou mesmo dedicadas a áreas afins, no País e no exterior, além de ser objeto de constante consulta no próprio Centro de Documentação do NEPO. Essa distribuição é ampla, abrangendo organismos governamentais ou não governamentais – acadêmicos, técnicos e/ou prestadores de serviços.

A Coleção **Textos NEPO** também está acessível na homepage do NEPO, em publicações, cujo acesso se dá através do endereço eletrônico: <http://www.nepo.unicamp.br>.

Dr. **Alberto Augusto Eichman Jakob**
Coordenador

Dra. **Maísa Faleiros da Cunha**
Coordenadora Associada

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1 As famílias em um contexto populacional de baixa fecundidade e maior longevidade..... | 7 |
| 2. Aspectos metodológicos do estudo..... | 11 |
| 3. Principais resultados sobre domicílios com coresidência entre avós e netos..... | 14 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 22 |
| REFERÊNCIAS | 23 |

AVÓS QUE RESIDEM COM NETOS: CARACTERÍSTICAS DOS ARRANJOS DOMÉSTICO-FAMILIAR MULTIGERACIONAIS NO BRASIL A PARTIR DE 1990¹

RESUMO

As discussões deste trabalho se inserem no debate sobre as transformações nas famílias contemporâneas, diante da rápida e intensa mudança na dinâmica da população brasileira. Dentre as várias questões que emergem desse contexto contemporâneo, a condição dos idosos enquanto provedores do bem-estar, material e emocional, de netos e filhos adultos é um tema que desperta crescente atenção. A estabilidade financeira dos idosos brasileiros proporcionada pela ampliação do acesso às aposentadorias tem assumido um papel crucial na redefinição da posição dos idosos nas famílias. Embora represente parcela pequena dos domicílios brasileiros – cerca de 13% - a coabitação entre várias gerações da família ao longo das últimas décadas ganha novos contornos, suscitando reflexões sobre solidariedade, responsabilidades familiares e desigualdades de gênero. Foram analisados dados censitários de 1991 a 2010 acerca das características sociodemográficas das unidades doméstico-familiares que possuem avós e netos. Entre os resultados pode-se destacar que a proporção de domicílios com composição multigeracional teve leves acréscimos ao longo do período analisado, em particular aqueles compostos por avós que moravam com netos sem a presença dos pais (geração ausente). Tratam-se de domicílios que em sua maioria relativa são chefiados por avós com baixa escolaridade, da cor preta ou parda, residentes nas regiões norte e nordeste, ainda inseridos no mercado de trabalho e nos quintis inferiores de renda domiciliar per capita.

Palavras chave: Arranjos Domésticos. Família. Geração. Trocas Intergeracionais

ABSTRACT

This paper discusses the transformations in the contemporary families, particularly about multigenerational family households. The condition of the elderly as providers of the material and emotional well-being of grandchildren and adult offspring is a subject of increasing attention in Brazil. The financial stability of the elderly provided by the increased access to pensions plays a crucial role in redefining the position of the elderly in their families. Although it represents a small percentage of the Brazilian households – around 13% - the cohabitation among three or more generations of the same family acquires new meanings raising questions about solidarity, family responsibilities and gender inequalities. To better understand the profile of grandparents living with grandchildren, the Brazilian Census from 1991 to 2010 are used to examine the prevalence of being a co-residing grandparent according to selected characteristics of households, such as age, sex and race of head of household, household income. The results showed that the proportion of households with multigenerational composition had slight increases over the period, particularly those composed by grandparents living with grandchildren without the presence of parents (skip-generation). Most of these households are headed by grandparents with low education, black, low income and still in the labor market.

Keywords: Households. Family. Intergenerational relations.

¹ Este texto é parte integrante do relatório final de atividades da pesquisa “Famílias Multigeracionais: processos sociodemográficos e as transformações na composição doméstico-familiar no Brasil a partir de 1970”, que foi desenvolvida com financiamento do Edital MCTI/ CNPq/MEC/CAPES no 43/2013 Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas. Processo 409671/2013-4. A pesquisa também contou com a colaboração sistemática da bolsista de iniciação científica PIBIC/Unicamp Bruna Nascimento Marques.

INTRODUÇÃO

O objetivo central do estudo foi analisar as características dos integrantes de domicílios que abrigam três ou mais gerações de pessoas com vínculo de parentesco, identificando o tipo de composição familiar e os perfis sociodemográficos dessas unidades ao longo do tempo. Para tal, foram explorados os dados censitários dos anos de 1991 a 2010, o que permitiu também uma reflexão sobre os limites e as possibilidades que esse tipo de fonte oferece para a análise das transformações nas famílias brasileiras.

Informações censitárias do período de 1970 a 2010 apontam que os domicílios brasileiros, particulares e permanentes, continuam sendo majoritariamente compostos por pessoas aparentadas, ou seja, por famílias. Em 1970, cerca de 68% da população brasileira vivia em um domicílio que era composto por um casal com filhos, em 2010 essa proporção caiu para 48% da população. Atualmente menos da metade da população brasileira vive em domicílios cuja composição contenha um casal com filhos, se distribuindo em outros tipos de arranjos que até então eram relativamente menos frequentes, como os monoparentais - compostos pelo pai ou pela mãe com seus filhos -; aqueles apenas com um casal ou ainda em domicílios unipessoais (OLIVEIRA; VIEIRA; MARCONDES, 2015).

Por outro lado, os dados censitários também revelam que em 1970, 17% dos brasileiros residiam em domicílios em que coabitavam casal, filhos e outros parentes, passando a ser 25% em 2010. No caso do arranjo monoparental com outros parentes essa proporção foi de 2,4% para 8,1%. Isso significa que uma proporção maior de pessoas tem vivido a experiência de conviver sob o mesmo teto com mais de duas gerações da própria família. Embora relativamente seja um número pequeno, a tendência tem sido de crescimento e reflete mudanças na dinâmica demográfica que são importantes para pensarmos sobre o presente e o futuro das famílias (OLIVEIRA; VIEIRA; MARCONDES; 2015; WAJNMAN, 2012).

Este texto está dividido em um primeiro item de discussão dos principais pontos do debate nas Ciências Sociais e, particularmente, na Demografia sobre as famílias multigeracionais. Em seguida, o segundo item aborda as fontes e aspectos metodológicos do estudo. O terceiro item traz alguns dos principais resultados e encerra com as considerações finais e informações adicionais do desenvolvimento da pesquisa.

1. As famílias em um contexto populacional de baixa fecundidade e maior longevidade

Duas intensas mudanças na dinâmica demográfica brasileira que nos auxilia a pensar nas transformações nas famílias merecem destaque. Uma delas diz respeito a nossa conquista de longevidade. A melhora progressiva das condições de saúde e de vida da população, reduzindo

significativamente a mortalidade, principalmente a infantil, fez com que a expectativa de vida ao nascer dos brasileiros que não superava a média de 42 anos, em 1940, atingisse em 2015 a média de 74,7 anos. Ou seja, em média, estamos vivendo mais. Não menos impressionante foi a nossa transição de altos para baixos níveis de fecundidade. A partir da década de 1960 experimentamos um processo rápido e de grande redução no número médio de filhos por mulher, passando de uma média de 6 filhos para 1,7 filhos, em 2015. E, mesmo que em intensidades diferenciadas, continua se reduzindo em todas as regiões do país (OLIVEIRA; VIEIRA; MARCONDES, 2015; CAVENAGHI; BERQUO, 2014; WAJNMAN, 2012; ALVES; CAVENAGHI; BARROS, 2010; LEHR, 1999).

Tal cenário tem modificado o tempo em que vivemos em determinadas posições sociais e geracionais. Ao longo do nosso curso de vida podemos, por exemplo, prolongar nossa condição de filhos residindo com pais até completar a escolarização em níveis mais elevados do sistema educacional (graduação ou pós-graduação) o que, conseqüentemente, pode levar à postergação do início de outras posições como a entrada no mercado de trabalho, o estabelecimento de uma união conjugal e a formação da família de procriação. Esse ganho de tempo de vida pode significar também maior convivência com pais e avós ou até mesmo bisavós. Contemporaneamente não apenas há mais possibilidades de se vivenciar um número maior, e por mais tempo, de posições geracionais ao longo da vida, como igualmente o de se expandir os períodos de coexistência entre duas, três ou mais gerações de uma mesma família. O que pode significar maior interação, cooperação e exercício de influência entre mais de duas gerações (WAJNMAN, 2012; BRITTO DA MOTTA, 2010; 2011; MURPHY, 2010; BEGTSON, 2001; LEHR, 1999).

A tendência continuada da combinação de baixa fecundidade e reduzidos níveis de mortalidade em idades adultas e avançadas resultaria com o passar do tempo na verticalização das famílias. Trata-se do aumento dos parentes em linha ascendente e descendente (bisavós, avós, pais, filhos, netos, bisnetos) e diminuição dos parentes colaterais (menos irmãos, tios e primos, por exemplo). Ao invés de uma árvore genealógica com galhos expandidos, a família futuramente seria mais apropriadamente representada por um pé-de-feijão – tronco estreito, comprido e ramificações mais finas e escassas. Configuram-se enquanto famílias multigeracionais, mas com poucos integrantes a cada geração (WAJNMAN, 2012; MURPHY, 2010; BEGTSON, 2001).

Tal perspectiva é acompanhada por indagações acerca das múltiplas demandas de cuidados e de suportes – financeiros, estruturais, emocionais - que envolveria a coexistência e, em alguns casos, a coabitação entre várias gerações de parentes, que dada a tendência de redução em seu número podem ampliar conflitos familiares a respeito dos direitos e deveres atribuídos a cada integrante, em suas posições de gênero e geração (WAJNMAN, 2012; MURPHY, 2010; BEGTSON, 2001; LEHR, 1999). Não é difícil supor a sobrecarga que pode representar para os membros

responsáveis, principalmente, para os que desempenham papel de cuidadores. E que invariavelmente são mulheres. Há uma produção crescente que justamente chama atenção para a chamada “geração sanduíche”, que é composta majoritariamente por mulheres adultas que cuidam tanto de netos dependentes quanto de seus próprios pais em idades avançadas.

Em uma revisão da bibliografia internacional sobre a “geração sanduíche”, Jesus (2015) aponta que grande parte dos estudos ressaltam aspectos negativos para o bem-estar daqueles que representam essa geração, que esmagadoramente são mulheres. As pressões e tensões cotidianas afetariam de forma intensa as condições de saúde e emocionais dessas mulheres. Os homens tenderiam a apresentar uma condição mais favorável, pois em grande medida seriam mais os que estão sendo cuidados, do que os que desempenhariam o papel de cuidadores.

No Brasil, Britto da Motta (2012) há mais de uma década vem desenvolvendo suas pesquisas qualitativas com segmentos de centenários na Bahia e tem discutido as tensões e conflitos geracionais que emergem desses contextos de famílias multigeracionais. E particularmente das mulheres que representam essa geração sanduíche, que a autora denomina como “geração pivô”. A autora ainda chama atenção para o fato de que na medida em que os centenários representam um grupo identificável de forma precisa, a geração pivô ou sanduíche varia conforme seu referencial que pode dizer respeito a uma sequência temporal, demográfica e/ou à própria dinâmica das relações de parentesco. No imaginário social, a idade dessa geração intermediária mais comumente seria representada pelos 50 anos, mas com a crescente longevidade e dependendo do espaçamento geracional existente nas famílias, essa idade pode variar para mais ou até mesmo para menos. Alguns dos estudos destacados na revisão realizada por Jesus (2015) também apontam para essa questão. Mas o que Britto da Motta (2012) ressalta veementemente é a imutabilidade da condição de gênero que envolve essa geração pivô: “é importante que seja lembrado que muito da solidariedade intergeracional existente se realiza às custas do empenho emocional e do trabalho não remunerado das mulheres” (2012, p. 5). E ainda reforça que é impossível pensar a geração pivô dissociada da ideia de cuidado, apoio e no papel essencial desempenhado pelas mulheres.

Isto torna imprescindível considerar a dimensão do poder envolvida nessas relações, na medida em que socialmente se definem atribuições que seriam próprias a cada idade e sexo na divisão do trabalho produtivo e reprodutivo. Como as mulheres ainda são consideradas as principais provedoras de cuidados nas famílias, a continuidade da redução da fecundidade tem diminuído o tamanho das coortes, aumentando as chances de que uma quantidade cada vez maior de adultos não conte com a disponibilidade de parentes cuidadoras (JESUS, 2015; WAINMAN, 2012; BRITTO DA MOTTA, 2010; 2012; BEGTSON, 2001). Independente da idade e posição na família, as mulheres assumem a condição de cuidadoras de parentes, sejam eles idosos, crianças e adolescentes ou

portadores de alguma deficiência (JESUS, 2015; WAJNMAN, 2012; BRITTO DA MOTTA, 2012; 2010; MURPHY, 2010).

Essa condição não é abalada, nem mesmo diante da ampliação da escolarização e inserção feminina no mercado de trabalho. Diz respeito a mulheres de todos os segmentos socioeconômicos. Informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) sobre o tempo gasto com afazeres domésticos, por exemplo, mostram que ter um marido/companheiro e filhos aumenta consideravelmente o número de horas que as mulheres gastam fazendo trabalhos domésticos e de cuidados. Mesmo entre aquelas que trabalham longas jornadas fora de casa (OLIVEIRA; MARCONDES, 2015).

Um outro aspecto desse contexto de famílias multigeracionais remete às possíveis mudanças nas relações entre avós e netos. A percepção social sobre o envelhecer tem sido gradualmente modificada exaltando ou estimulando a emergência de idosos ativos, que desfrutem de boa saúde e que disputariam a atenção de um número cada vez mais reduzido de netos (VICENTE, 2010; CASTILHO, 2003). Para além disso, vários estudos ao longo das últimas décadas têm discutido sobre a crescente importância dos idosos, particularmente de avós, na provisão do bem-estar, seja material ou emocional, de netos e filhos adultos (OLIVEIRA; KARNIKOWSKI, 2012; PAULA et al., 2011; OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA et al., 2009; GOODMAN; SILVERTEIN, 2002; 2006). Como por exemplo, situações em que pais abrigam filhas e netos, temporariamente ou não, após o rompimento de uma união conjugal (MARCONDES, 2009; HENDERSON et al., 2009). Ou ainda em situações de desemprego que acarretam grandes dificuldades de manutenção financeira (VITALE, 2008; PEIXOTO; LUZ, 2007; COUTRIM, 2006).

Há também situações em que apenas os netos são abrigados pelos avós, que passam a assumir integralmente as responsabilidades de cuidados cotidianos desses (GOODMAN; SILVERTEIN, 2002; 2006; GOODMAN et al., 2004) Particularmente no Brasil o peso relativo desse tipo de domicílio com “geração pulada” tem apresentado leve crescimento nas últimas três décadas. Também são os domicílios em que a idade média dos avós é mais elevada.

De maneira geral, esses estudos, em grande parte qualitativos, apontam para a percepção de que a relação entre avós, filhos e netos não seria semelhante ao que foi para gerações passadas. A autoridade dos avós seria construída através do afeto e o poder de influência na vida dos netos dependeria do tipo de proximidade física (se moram perto ou coabitam) e de trocas cotidianas estabelecidas pela rede de parentesco (OLIVEIRA; KARNIKOWSKI, 2012; PAULA et al., 2011; OLIVEIRA et al., 2009).

No que se refere à coabitação entre várias gerações de uma mesma família, até recentemente a concepção corrente era que em grande medida a formação de domicílios

multigeracionais com presença de pessoas idosas estaria condicionada à combinação de aspectos econômicos, de saúde e de preferências pessoais dos próprios idosos (OLIVEIRA, 2011; CAMARANO et al., 2004). Algo que seria mais motivado por necessidade do idoso do que por escolha ou por estratégias familiares. Remete a uma percepção de vulnerabilidade e dependência da pessoa idosa, vista como um encargo para os outros membros adultos da família (CAMARANO et al., 2004).

A desconstrução dessa imagem é recente, a partir de evidências que questionam o real grau de dependência dos idosos brasileiros no final do século XX e início do XXI (SAAD, 2004; CAMARANO et al., 2004) O que os dados censitários apontam é que a proporção de idosos responsáveis por domicílios tem crescido levemente, principalmente entre os domicílios unipessoais, mas que relativamente esse segmento ainda tem um peso importante enquanto parente da pessoa responsável. Contudo, também se constata um aumento não desprezível da participação do rendimento dos idosos nos orçamentos familiares.

Em grande medida isso decorre da estabilidade financeira que os idosos brasileiros foram adquirindo ao longo do tempo com a ampliação do acesso às aposentadorias e pensões, algo que foi crucial na redefinição da posição dos idosos nas redes familiares, diminuindo a percepção de que eles representam apenas um fardo a ser carregado pelos demais membros adultos da família. (SAAD, 2004; CAMARANO et al., 2004; COUTRIM, 2006). Além disso, na nossa história mais recente, particularmente nos momentos de crise econômica, a melhoria na situação de vida financeira dos idosos, de alguma forma, tem compensado a deterioração da situação econômica experimentada pelos segmentos jovens e adultos – devido a situações de maior instabilidade e/ou precarização dos empregos. Não sendo incomum situações em que filhos adultos permanecem ou retornam a ser economicamente dependentes de seus pais. Mesmo aqueles que não coabitam com seus pais idosos (OLIVEIRA, 2011; COUTRIM, 2006).

2. Aspectos metodológicos do estudo

O estudo é de cunho quantitativo e originalmente explorou informações sobre pessoas que integram domicílios com três ou mais gerações de parentes, coletadas pelos censos demográficos de 1970 a 2010. Para tal foi necessário um sistemático e detalhado trabalho de manuseio das bases de microdados dos censos para avaliar as possibilidades e limitações de exploração das informações relevantes para os objetivos da pesquisa e da comparabilidade entre os anos censitários.

O tratamento dos bancos de dados envolveu a reorganização de variáveis e a eliminação das informações referentes a pessoas que não residiam em domicílios particulares permanentes. Após a “limpeza” dos bancos, iniciamos a criação de variáveis específicas para a exploração do tema do projeto, todas elas baseadas na composição das relações de parentesco dentro do domicílio. A partir

do quesito “Relação de parentesco com o chefe/responsável pelo domicílio” foi possível identificar em grande medida quais e quantos parentes do responsável residiam no domicílio. Para remontar a composição domiciliar com as combinações de interesse da pesquisa, como por exemplo, os domicílios compostos por pais, filhos e netos, além dessa identificação, tivemos que adotar procedimentos combinando outras variáveis (sexo, idade, status conjugal, mãe viva e sua presença/ausência no domicílio) para complementar por plausibilidade parte da composição dos domicílios.

Uma vez que o projeto visa analisar as características dos arranjos domiciliares multigeracionais, muitas são as combinações possíveis entre gerações de parentes ascendentes, descendentes e colaterais, como demonstra o quadro abaixo:

QUADRO 1 – Matriz de relações de parentesco e não parentesco em um domicílio de 7 membros

| Relação entre membros | responsável | conjuge | filho(a), enteado(a) | neto(a) | pai, mãe, sogro(a) | irmão, irmã | outro parente | não parente |
|-----------------------|--------------------------------|----------------------------------|----------------------|-------------------------|--------------------|-----------------|-----------------|---------------|
| responsável | - | conjuge | filho(a), enteado(a) | neto(a) | pai, mãe, sogro(a) | irmão, irmã | outro parente | não parente |
| conjuge | conjuge | - | filho(a), enteado(a) | neto(a) ? | pai, mãe, sogro(a) | outro parente | outro parente ? | não parente |
| filho(a), enteado(a) | pai, mãe, padrasto, madrasta | pai, mãe, padrasto, madrasta | - | filho(a), sobrinho(a) ? | avô, avó ? | tio(a) | outro parente ? | não parente |
| neto(a) | avô, avó | avô, avó ? | pai, mãe, tio(a) ? | - | bisavô, bisavó ? | outro parente ? | outro parente ? | não parente |
| pai, mãe, sogro(a) | filho(a), enteado(a), genro(a) | filho(a), enteado(a), genro(a) ? | neto(a) ? | bisneto(a) ? | - | outro parente ? | outro parente ? | não parente |
| irmão, irmã | irmão, irmã | outro parente ? | sobrinho | outro parente ? | outro parente ? | - | outro parente ? | não parente |
| outro parente | outro parente | outro parente ? | outro parente ? | outro parente ? | outro parente ? | outro parente ? | - | não parente |
| não parente | não parente | não parente | não parente | não parente | não parente | não parente | não parente | não parente ? |

Fonte: Extraído de Wajnman (2012, p. 72).

Obs: As relações em letras pretas são declaradas e as em cinza são atribuídas por suposição. Onde há interrogação, essa relação deve ser testada segundo critério de plausibilidade.

Importante destacar que para cada Censo Demográfico as possibilidades combinatórias foram diferenciadas em função do nível de desagregação das categorias do quesito de relação com o chefe/pessoa responsável pelo domicílio, que é a referência essencial para o procedimento de remontagem da composição domiciliar.

Como destacado por Wajnman (2012), os censos de 1970 e 1980 apresentaram um detalhamento mais restrito dos parentes residentes no domicílio do que nos anos de 1991, 2000 e, principalmente, 2010, que possibilitou inclusive ampliar a classificação das posições de cônjuge (mesmo sexo e sexo diferente) e de filhos (só do responsável, só do cônjuge, do responsável e do cônjuge).

Após exploração inicial dessas possibilidades optamos por centrar as análises nos domicílios que continham avós e netos coreidentes, dada a sua maior frequência entre os arranjos domésticos multigeracionais. No entanto, a análise dos dados de 1970 e 1980 foi impossibilitada a princípio pelo fato da categoria neto, presente no questionário, ter sido agrupada nos microdados à categoria "outros parentes". Dessa forma, os resultados trabalhados nesse projeto se restringiram aos anos de 1991 a 2010.

A partir da remontagem da composição das relações de parentesco no domicílio, orientada pela matriz apresentada no Quadro 1 acima, pudemos criar as seguintes variáveis referentes às gerações presentes no domicílio utilizadas nas análises:

| Variável | Categorias |
|--|--|
| É domicílio multigeracional? (3 ou mais gerações) | 0 – Não 1 – Sim |
| Gerações no domicílio | 1 – Uma ou duas gerações 2 – Três gerações 3 – Quatro ou mais gerações |
| Tipo de geração | 1 – Geração consecutiva 2 – Geração pulada |
| É domicílio com avós e netos? | 0 – Não 1 – Sim |
| Tipo de composição avós e netos | 1 – Avós, pais e netos; 2 – Avós, pais, netos e parentes 3 – Avós e netos 4 – Avós, netos e outros parentes |
| Responsável pelo domicílio multigeracional de avós e netos | 1 – Avós são os responsáveis 2 – Netos são os responsáveis 3 – Outros parentes |

A exploração dos dados foi realizada em um primeiro momento com a base completa de domicílios e posteriormente no aprofundamento de algumas questões com um banco composto apenas das informações referentes às pessoas residentes em domicílios multigeracionais com presença de avós e netos.

3. Principais resultados sobre domicílios com coresidência entre avós e netos

Nesse item serão destacados alguns dos principais resultados descritivos da pesquisa.

A Tabela 1 mostra a distribuição relativa dos domicílios brasileiros segundo o número de gerações residentes. Faz-se necessário destacar que a classificação de geração trabalhada no estudo considerou apenas os parentes em linha ascendente e descendente (bisavós, avós, pais, filhos, netos, bisnetos...). Dada as maiores dificuldades de identificação do parentesco colateral (irmãos, tios, primos, sobrinhos), conforme mencionado no item anterior, essas posições foram mantidas sob a identificação de “outros parentes”. Ressalta-se que a classificação das gerações tem por referência central a composição avós, pais e netos, na medida que a caracterização e reflexão sobre esse tipo de arranjo domiciliar constitui o objetivo principal do estudo.

Entre os anos de 1991 e 2010, segundo os dados censitários, a proporção de domicílios com composição multigeracional – aqui considerados os domicílios com 3 ou mais gerações e os de Geração ausente – teve leves acréscimos – 11,8%; 12,5% e 12,3%, respectivamente nos anos analisados – destacando-se a porcentagem daqueles em domicílios com geração ausente, que são avós morando com netos sem a presença dos pais.

TABELA 1 – Distribuição relativa (%) dos domicílios segundo composição geracional. Brasil, 1991-2010

| Gerações* | Ano | | |
|----------------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| | 1991 | 2000 | 2010 |
| Uma geração | 16,6 | 19,8 | 26,6 |
| Duas gerações | 71,6 | 67,7 | 61,1 |
| Três ou mais gerações | 10,4 | 10,9 | 10,2 |
| Geração ausente | 1,4 | 1,6 | 2,1 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Total de Domicílios | 34.927.544 | 45.077.363 | 57.440.705 |

Fontes: IBGE (Censos Demográficos, 1991-2010). Tabulações próprias.

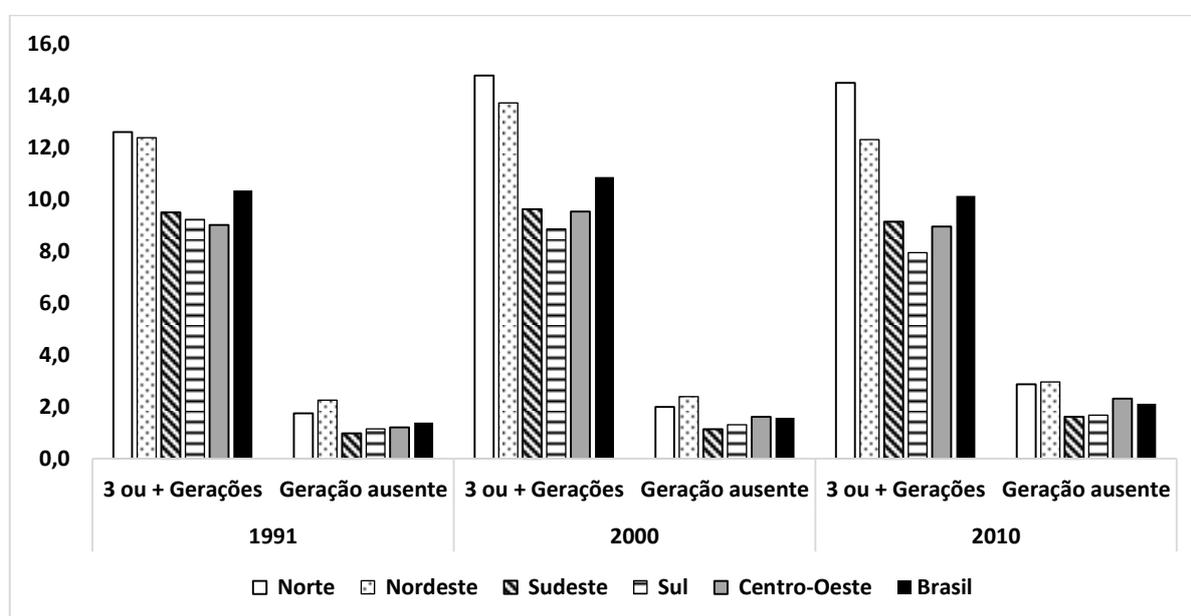
***Obs:** Uma geração = pessoas morando sozinhas ou casal sem filhos. Duas gerações = responsável com outros parentes, Casal com filhos, casal e outros parentes, monoparentais. Três gerações ou mais = casal com filhos com avós e outros parentes, monoparental com avós e outros parentes. Geração ausente = avós com netos, avós com netos e outros parentes. A categoria outros parentes exclui pessoas classificadas como avós, netos e bisnetos.

Esse resultado é coerente com os achados do estudo feito por Wajnman (2012) que considerou em sua classificação outros integrantes na identificação das gerações. A autora destaca que os acréscimos nas proporções relativas dos domicílios com apenas uma geração (que incluem os unipessoais, os casais sem filhos, parentes e/ou não parentes corresidentes sem a presença de um núcleo reprodutivo) e daqueles contendo três ou mais gerações é esperado, na medida em que

refletem as mudanças na dinâmica demográfica, tais como, os ganhos em sobrevivência da população, a redução drástica da fecundidade e as transformações na nupcialidade, que aliados a fatores de ordem econômica têm ajudado a moldar e evidenciar uma gama mais diversa de estratégias de coresidência entre familiares.

Quando consideramos apenas os domicílios multigeracionais segundo as Grandes Regiões, observa-se a partir do Gráfico 1 que as Regiões Norte e Nordeste se destacam nos três anos analisados, contudo, o peso relativo desse tipo de arranjo só apresentou incrementos na Região Norte, se distanciando ainda mais das demais áreas geográficas.

GRÁFICO 1 – Proporção (%) de domicílios com 3 ou mais gerações e domicílios com avós e netos sem a presença dos pais (Geração ausente). Brasil e Grandes Regiões, 1991-2010



Fonte: IBGE (Censos Demográficos, 1991-2010).

No que se refere à proporção de domicílios com avós e netos sem a presença dos pais (Geração ausente), novamente o peso relativo do Norte e Nordeste se destacam, mas com ligeira predominância dessa última Grande Região. Outra região que merece menção é a Centro Oeste em que esse tipo de arranjo praticamente dobrou no período em análise (Gráfico 1).

Essa tendência em crescimento da convivência entre múltiplas gerações de uma mesma família, segundo Harper (2006) não pode ser tomada como um fato dado para todas as famílias, apesar do aumento da sua frequência. E mesmo para aqueles que a vivenciam, pode ser uma experiência pontual, em um determinado momento do curso de vida. A autora destaca que estudos apontaram que a possibilidade de se inserir em famílias multigeracionais mais complexas (acima de 4 gerações sobreviventes) varia de forma significativa entre os países ocidentais. Em um dos estudos

mencionados pela autora concluiu-se que um indivíduo norte-americano teria mais chances de conviver com um filho e um de seus genitores do que um europeu. Apesar da expansão da sobrevivência, as cadeias multigeracionais nas famílias ainda seriam curtas, não mais do que 4 gerações vivas.

Ao considerar apenas os domicílios multigeracionais com presença de avós e netos observa-se que há uma mudança bem expressiva na participação relativa dos domicílios com arranjos que continham avós e netos sem a presença dos pais (Geração Ausente) (Tabela 2).

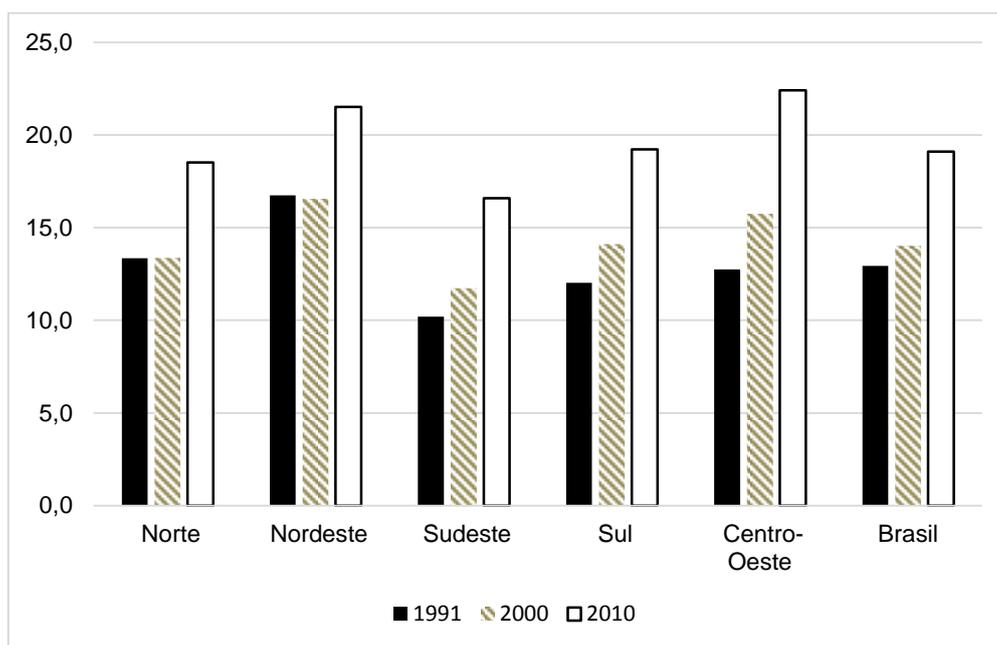
TABELA 2 – Distribuição relativa (%) das pessoas residentes em domicílios com presença de avós e netos, segundo a composição domiciliar. Brasil, 1991-2010

| Composição domiciliar | Ano | | |
|-------------------------------------|------------------|------------------|------------------|
| | 1991 | 2000 | 2010 |
| Avós, pais e netos | 85,3 | 84,3 | 79,2 |
| Avós, pais, netos e outros parentes | 1,8 | 1,7 | 1,7 |
| Avós e netos | 12,2 | 13,7 | 18,0 |
| Avós, netos e outros parentes | 0,7 | 0,3 | 1,1 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Total de domicílios | 3.770.087 | 5.072.970 | 6.356.495 |

Fonte: IBGE (Censos Demográficos 1991-2010). Tabulações próprias.

Ao avaliar a proporção de domicílios apenas com avós e netos sem a presença dos pais (com e sem outros parentes) entre as Grandes Regiões, vê-se de forma mais clara o aumento relativo ocorrido entre 2000 e 2010 em todas as áreas, mas de forma mais expressiva na Região Centro Oeste. A proporção observada para essa região em 2010 ultrapassa a do Nordeste que até então exibia os maiores percentuais desse tipo de arranjo (Gráfico 2).

GRÁFICO 2 – Proporção dos domicílios multigeracionais com avós e netos sem a presença dos pais (Geração ausente). Brasil e Grandes Regiões, 1991-2010



Fonte: IBGE (Censos Demográficos 1991-2010). Tabulações próprias.

Em revisão da literatura sobre o tema de avós que criam seus netos, Mainetti e Wanderbroocke (2013) destacam a recorrência de estudos voltados para avaliar as condições de bem-estar e saúde dos avós que se encontram nessa situação. Grande parte desses estudos, segundo as autoras, destacam que a experiência tem impactos negativos sobre a saúde dos avós, seja pelas pressões financeiras ou pela própria rotina de cuidados demandados. Contudo, também é inegável a percepção de satisfação, principalmente, das avós no desempenho desse papel. No próprio estudo qualitativo realizado pelas autoras, foram observados relatos em que se mesclam sentimentos de satisfação e de desgaste com as responsabilidades que deveriam ter sido assumidas pelos pais e não por elas. Mainetti e Wanderbroocke (2013) ainda discorrem que o assumir integralmente a criação dos netos ocorre dentro de um processo gradativo em que essas avós já tinham algum tipo de responsabilidade e que com o passar do tempo as leva a assumir completamente o papel de cuidadora.

Aspectos negativos para a saúde das avós que cuidam dos netos também são apontados pelo estudo realizado por Goodman e Silvertein (2006), contudo, a intensidade do estresse e da insatisfação com a condição de cuidadora dos netos varia conforme o segmento étnico-racial das avós. As afroamericanas e as latinas tenderiam a serem mais satisfeitas com a sua condição de cuidadora dos netos do que as norte-americanas brancas. As autoras acreditam que em certa medida essa diferença seja cultural, no qual as brancas tenderiam a valorizar e ter expectativas de que seus filhos fossem capazes de assumir com maior independência e gerenciamento individual a

família de procriação. Entre as latinas e as afroamericanas contar com o suporte das redes de parentesco não seria algo inesperado ou condenável.

Um dos pontos comuns na discussão desses estudos é a percepção negativa sobre os pais/ as mães ausentes, que invariavelmente as ausências estariam relacionadas a problemas com drogas, por não terem um emprego, por serem muito jovens e não conseguirem assumir as responsabilidades parentais (MAINETTI; WANDERBROCKE, 2013; GOODMAN; SILVERTEIN, 2002; 2006) Em um estudo sobre circulação de crianças no Brasil, utilizando dados das PNADs, Serra (2003) também aponta para algumas dessas situações entre as motivações para o fato da criança estar morando em um domicílio sem a presença da mãe biológica.

Observa-se na Tabela 3 que majoritariamente nos domicílios multigeracionais com a presença de avós e netos a pessoa responsável é a própria avó ou o avô, sendo que menos de 1% desses arranjos tem por responsável um/a neto/a. O que torna plausível supor que nessas composições os netos devem estar em idades muito jovens.

TABELA 3 – Distribuição relativa (%) dos domicílios com avós e netos segundo a pessoa responsável. Brasil, 1991-2010

| Pessoa responsável pelo domicílio | Ano | | |
|-----------------------------------|-----------|-----------|-----------|
| | 1991 | 2000 | 2010 |
| Avós | 70,5 | 79,4 | 78,4 |
| Netos | 0,5 | 0,0 | 1,1 |
| Outros | 29,1 | 20,6 | 20,5 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Total de domicílios | 3.770.087 | 5.072.970 | 6.356.494 |

Fonte: IBGE (Censos Demográficos 1991-2010). Tabulações próprias.

Nas Grandes Regiões destaca-se o peso relativo dos domicílios sob responsabilidade de avós no Norte, Nordeste e Centro Oeste sempre acima dos valores observados para o Brasil em quase todo o período analisado (Tabela 4). Outro destaque foi a não ocorrência de netos responsáveis por domicílios no ano de 2000, mas provavelmente, isso decorre das dificuldades na classificação precisa dessas relações, principalmente para a população adulta. Como os valores observados nos demais anos censitários para essa categoria foram praticamente residuais, trabalhamos com o pressuposto de que a perda/imprecisão dessa informação não provocaria substantiva alteração na análise empreendida.

TABELA 4 – Distribuição relativa (%) dos domicílios com avós e netos segundo a pessoa responsável.
Grandes Regiões, 1991-2010

| Grande Região | 1991 | | | | 2000 | | | 2010 | | | |
|---------------|------|-------|--------|------------------|------|--------|------------------|------|-------|--------|------------------|
| | Avós | Netos | Outros | Total domicílios | Avós | Outros | Total domicílios | Avós | Netos | Outros | Total domicílios |
| Norte | 77,8 | 0,3 | 21,9 | 262.196 | 85,6 | 14,4 | 427.307 | 83,7 | 0,8 | 15,5 | 615.666 |
| Nordeste | 78,2 | 0,4 | 21,5 | 1.218.110 | 85,4 | 14,6 | 1.662.343 | 83,7 | 0,9 | 15,5 | 2.055.818 |
| Sudeste | 65,1 | 0,6 | 34,3 | 1.523.537 | 75,3 | 24,7 | 1.977.515 | 74,7 | 1,4 | 23,9 | 2.457.664 |
| Sul | 63,8 | 0,5 | 35,7 | 550.404 | 72,0 | 28,0 | 676.109 | 71,4 | 1,1 | 27,4 | 778.947 |
| Centro-Oeste | 72,8 | 0,4 | 26,8 | 215.840 | 81,0 | 19,0 | 329.696 | 79,2 | 1,0 | 19,8 | 448.399 |

Fonte: IBGE (Censos Demográficos 1991-2010). Tabulações próprias.

No Quadro 2, a seguir, os domicílios em que os avós são os responsáveis, a idade média dos netos residentes ficou abaixo dos 10 anos de idade nos três anos destacados. Em média, são mais jovens do que os netos que residem em domicílios que não são de responsabilidade dos avós. Importante destacar que são nesses arranjos de responsabilidade dos avós que se concentram aqueles em que a geração dos pais está ausente. Ou seja, em grande medida são idosos cuidando de crianças.

Como esperado, nos raros arranjos de responsabilidade dos netos é que se encontram os avós com idades médias bem mais elevadas, acima dos 70 anos de idade (Quadro 2).

QUADRO 2 – Idades médias da pessoa responsável, dos avós e dos netos residentes nos domicílios multigeracionais, segundo a pessoa responsável pelo domicílio. Brasil e Grandes Regiões, 1991-2010

| | Ano | Brasil | Norte | Nordeste | Sudeste | Sul | Centro-Oeste |
|---|------|--------|-------|----------|---------|------|--------------|
| Avós responsáveis pelo domicílio | | | | | | | |
| Responsável | 1991 | 60,0 | 58,5 | 61,4 | 59,5 | 59,1 | 57,9 |
| | 2000 | 59,5 | 57,9 | 61,0 | 59,1 | 58,9 | 57,5 |
| | 2010 | 60,1 | 58,0 | 61,0 | 60,3 | 59,8 | 58,6 |
| Netos | 1991 | 6,0 | 4,9 | 6,0 | 6,3 | 6,1 | 5,7 |
| | 2000 | 6,7 | 5,4 | 6,7 | 7,0 | 6,9 | 6,4 |
| | 2010 | 9,6 | 8,3 | 9,7 | 9,9 | 9,6 | 9,4 |
| Netos responsáveis pelo domicílio | | | | | | | |
| Responsável | 1991 | 26,7 | 25,9 | 25,7 | 27,4 | 26,7 | 25,4 |
| | 2000 | | | | | | |
| | 2010 | 24,5 | 22,0 | 24,6 | 24,6 | 24,9 | 24,8 |
| Avós | 1991 | 77,7 | 75,5 | 77,7 | 78,0 | 78,2 | 76,0 |
| | 2000 | | | | | | |
| | 2010 | 74,9 | 72,2 | 76,6 | 74,7 | 75,1 | 71,8 |
| Outro parente responsável pelo domicílio | | | | | | | |
| Responsável | 1991 | 40,3 | 38,6 | 40,2 | 40,8 | 39,9 | 38,9 |
| | 2000 | 41,8 | 39,3 | 41,7 | 42,5 | 41,6 | 39,9 |
| | 2010 | 40,7 | 37,5 | 40,2 | 41,5 | 41,2 | 38,7 |
| Avós | 1991 | 69,6 | 68,8 | 70,8 | 69,2 | 69,9 | 67,8 |
| | 2000 | 70,3 | 68,9 | 71,7 | 70,0 | 70,5 | 67,9 |
| | 2010 | 69,0 | 66,7 | 70,4 | 68,8 | 69,9 | 66,2 |
| Netos | 1991 | 8,8 | 7,2 | 7,9 | 9,6 | 8,7 | 8,3 |
| | 2000 | 10,7 | 8,5 | 9,8 | 11,7 | 10,4 | 10,0 |
| | 2010 | 13,8 | 11,8 | 13,6 | 14,5 | 13,6 | 12,6 |

Fonte: IBGE (Censos Demográficos 1991-2010). Tabulações próprias.

No que diz respeito aos domicílios cuja responsabilidade é de outro parente que não avô/avó ou neto/a, assim como acontece com os netos residentes, a idade média dos avós foi mais elevada se comparada aos domicílios de responsabilidade dos avós. Majoritariamente a pessoa responsável desses domicílios é o pai/a mãe dos netos (Quadro 2).

Quando se observam outras características da pessoa responsável pelos arranjos multigeracionais nota-se que, majoritariamente, esses arranjos são chefiados por homens. Mas com proporções que se alteram expressivamente com o passar das décadas. Em 2010, as proporções se aproximam, havendo uma inversão nos arranjos cuja responsabilidade é de avós em que a maioria passa a ter chefia feminina (Quadro 3).

QUADRO 3 – Distribuição relativa dos responsáveis por domicílios multigeracionais com presença de avós e netos segundo características selecionadas. Brasil, 1991-2010

| Características do Responsável | 1991 | | | 2000 | | | 2010 | | |
|---|-------|-------|--------|-------|-------|--------|-------|-------|--------|
| | Avós | Netos | Outros | Avós | Netos | Outros | Avós | Netos | Outros |
| Faixa etária | | | | | | | | | |
| <35 | 0,8 | 86,7 | 32,1 | 1,0 | | 26,9 | 0,8 | 88,0 | 32,9 |
| 35-59 | 48,0 | 13,3 | 63,2 | 49,4 | | 66,9 | 48,7 | 10,9 | 61,2 |
| 60+ | 51,2 | 0,0 | 4,7 | 49,5 | | 6,2 | 50,4 | 1,1 | 5,9 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Sexo | | | | | | | | | |
| Feminino | 31,1 | 23,1 | 16,5 | 37,9 | | 25,0 | 52,0 | 44,9 | 45,6 |
| Masculino | 68,9 | 76,9 | 83,5 | 62,1 | | 75,0 | 48,0 | 55,1 | 54,4 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Cor | | | | | | | | | |
| Branca | 43,8 | 56,8 | 56,7 | 45,5 | | 59,2 | 39,6 | 48,3 | 50,8 |
| Negra | 55,7 | 41,2 | 42,0 | 53,5 | | 39,3 | 58,8 | 49,1 | 47,1 |
| Outras | 0,5 | 1,9 | 1,4 | 1,0 | | 1,5 | 1,6 | 2,6 | 2,1 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Escolaridade | | | | | | | | | |
| Sem Instrução a | | | | | | | | | |
| Fundamental incompleto | 94,2 | 44,2 | 70,1 | 71,9 | | 47,6 | 76,6 | 28,5 | 40,1 |
| Fundamental completo a Médio Incompleto | 1,6 | 17,8 | 8,8 | 22,3 | | 26,4 | 10,1 | 21,3 | 18,3 |
| Médio Completo a Superior Incompleto | 3,0 | 28,9 | 13,9 | 3,8 | | 17,5 | 9,9 | 37,9 | 29,7 |
| Superior Completo | 1,3 | 9,1 | 7,1 | 1,9 | | 8,4 | 3,4 | 12,3 | 12,0 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Condição de trabalho | | | | | | | | | |
| Trabalha | 51,4 | 88,7 | 88,2 | 53,8 | | 21,5 | 54,3 | 44,9 | 26,5 |
| Não trabalha | 48,6 | 11,3 | 11,8 | 46,2 | | 78,5 | 45,7 | 55,1 | 73,5 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Quintil de Renda Domiciliar per capita | | | | | | | | | |
| 1o. quintil | 20,9 | 4,1 | 11,9 | 18,6 | | 10,4 | 16,2 | 7,0 | 9,7 |
| 2o. quintil | 25,3 | 13,6 | 18,5 | 27,4 | | 18,4 | 24,6 | 15,3 | 17,3 |
| 3o. quintil | 23,3 | 23,7 | 22,2 | 23,8 | | 22,0 | 26,1 | 20,3 | 24,6 |
| 4o. quintil | 18,7 | 26,8 | 23,3 | 18,3 | | 24,0 | 19,0 | 27,4 | 22,8 |
| 5o. quintil | 11,7 | 31,7 | 24,1 | 11,8 | | 25,2 | 14,1 | 30,0 | 25,6 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Participação da Renda Individual na Renda Domiciliar | | | | | | | | | |
| 0 até 5% | 6,0 | 8,0 | 4,3 | 9,0 | | 10,5 | 10,8 | 40,2 | 15,4 |
| 5% até 25% | 18,7 | 6,3 | 7,8 | 13,4 | | 10,0 | 13,8 | 16,8 | 17,3 |
| 25% até 50% | 30,8 | 28,3 | 27,7 | 32,7 | | 32,5 | 35,9 | 25,7 | 37,7 |
| 50% até 75% | 16,9 | 29,9 | 30,8 | 18,6 | | 28,0 | 16,8 | 11,9 | 19,8 |
| Acima de 75% | 27,6 | 27,6 | 29,4 | 26,4 | | 18,9 | 22,8 | 5,4 | 9,9 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: IBGE (Censos Demográficos 1991-2010). Tabulações próprias.

No que diz respeito à cor, nos domicílios chefiados por avós a pessoa responsável em maioria é preta ou parda nos três períodos destacados. Em 2010, os arranjos chefiados por netos e

aqueles de responsabilidade de outro parente que não avó ou neto apresentou proporções semelhantes entre brancos e negros (pretos e pardos agrupados) (Quadro 3).

A diferença na escolaridade dos responsáveis também é marcante. Enquanto nos domicílios chefiados por avós a esmagadora maioria não possui o fundamental completo, pouco mais de 2/5 dos responsáveis netos ou outros parentes possuíam o ensino médio ou superior completo em 2010 (Quadro 3). Esse resultado não surpreende dada a própria composição etária desses grupos. Os arranjos chefiados pelos avós concentram os responsáveis com idades mais avançadas, que abarcam gerações com médias de anos de estudo muito baixas no Brasil. Ao longo das décadas a distribuição etária da população por escolaridade tem se modificado em decorrência de mudanças na estrutura e no sistema de ensino que ampliaram o acesso e a permanência das gerações mais jovens e adultas na escola, elevando gradativamente a escolaridade da população. O que tem se refletido em uma concentração maior de baixa escolaridade nos segmentos da população com idade mais avançada.

Quanto à condição de ocupação, nota-se que os avós que são responsáveis por seus domicílios em maioria ainda estavam ocupados no mercado de trabalho e a renda auferida por eles representa de 1/3 a metade da renda mensal domiciliar. Esse tipo de arranjo está mais concentrado nos 2º e 3º quintis de renda domiciliar per capita (Quadro 3).

Apesar dos domicílios chefiados por netos ou por outros parentes que não avós e netos estarem em proporções maiores nos quintis mais elevados de renda e a renda auferida pela pessoa responsável representar de metade a 2/3 da renda mensal domiciliar, há uma inversão na condição de ocupação em 2010, em que a maioria das pessoas responsáveis por esses domicílios não estava ocupada à época do censo. Esse dado chama atenção e tem nos levado a aprofundar na exploração das fontes de renda além do trabalho que são acessadas pelos responsáveis desses domicílios (Quadro 3). Trata-se de uma questão que ainda precisa de melhor averiguação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, observamos por esse breve conjunto de dados apresentados e pelas discussões levantadas que a coexistência entre várias gerações de uma mesma família pode fazer parte das experiências de uma proporção cada vez maior de pessoas. Nem sempre essa coexistência implicará em coresidência, o que não exclui as possibilidades de estabelecimento de trocas, principalmente quando os laços envolvem parentes descendentes e ascendentes. Os fluxos de apoio que ocorrem entre diferentes gerações, que podem ser de diversos tipos (financeiro, emocional, de cuidados), nem sempre são trocas mensuráveis e sempre pode haver alternância dos indivíduos no papel de provedores e receptores de apoio. O que motivaria e manteria as trocas intergeracionais entre membros de uma família seria um conjunto de fatores que incluiriam desde laços de afeto e

sentimentos de reciprocidade, até incentivos econômicos ou sanções negativas pautadas pelos deveres que se considera que cada membro geracional teria em relação a outro. Nesse sentido, não apenas saber quantos são, de que composição são, mas também entender como se dão e os significados atribuídos às relações entre gerações pode nos levar a avanços mais significativos para o entendimento das trocas intergeracionais, tanto daquelas que ocorrem dentro quanto fora dos domicílios, no presente e para o futuro.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. M.; BARROS, L. F. W. **A família DINC no Brasil: algumas características socioeconômicas**. Rio de Janeiro, RJ: IBGE/ENCE, 2010. 34p. (Textos para Discussão, n. 30).
- BENGTSON, V. L. Beyond the nuclear family: the increasing importance of multigenerational bonds. **Journal of Marriage and Family**, US, v. 63, n. 1, p. 1-16, 2001.
- BRITTO DA MOTTA, A. A geração pivô, intermediária na família. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE, 15., 2012, Teresina, Piauí. **Anais...** [S. l. : s. n.], 2012. 24p.
- BRITTO DA MOTTA, A. Envelhecimento e relações entre gerações. In: LONGHI, M.; ALMEIDA, M. C. L. **Etapas da vida: jovens e idosos na contemporaneidade**. Recife, PE: Editora da Universitária da UFPE, 2011. p. 81-104.
- BRITTO DA MOTTA, A. A família multigeracional e seus personagens. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 31, n. 111, p. 435-458, 2010.
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, A. A. (org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro, RJ: IPEA, 2004. p. 25-73.
- CAMARANO, A. A. et al. Família: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO, A. A. (org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro, RJ: IPEA, 2004. p.137-167.
- CASTILHO, T. Família e relacionamento de gerações. In: CONGRESSO INTERNACIONAL CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES SESC, 1., 2003, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo, SP: SESC, 2003.
- CAVENAGHI, S.; BERQUÓ, E. Perfil socioeconômico e demográfico da fecundidade no Brasil de 2000 a 2010. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE POPULAÇÃO, 6., 2014, Lima, Peru., **Anais...** Rio de Janeiro, RJ: ALAP, 2014.
- COUTRIM, R. M. E. Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 367-390, 2006.
- FULLER-THOMPSON, E.; MINKLER, M. Central american grandparents raising grandchildren. **Hispanic Journal of Behavioral Sciences**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 5-18, 2007.
- GOODMAN, C.; SILVERTEIN, M. Grandmothers raising grandchildren: ethnic and racial differences in well-being among custodial and coparenting families. **Journal of Family Issues**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 1605-1626, 2006.
- GOODMAN, C. et al. Grandmothers as kinship caregivers: private arrangements compared to public child welfare oversight. **Children and Youth Services Review**, [S. l.], v. 26, n. 3, p. 287-305, 2004.
- GOODMAN, C.; SILVERTEIN, M. Grandmothers raising grandchildren: family structure and well-being in culturally diverse families. **Gerontologist**, Washington, DC, v. 42, n. 5, p. 676-689, 2002.

HARPER, S. Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. In: CEPCEP. **Povos e culturas: os avós como educadores**. Lisboa: CEPCEP; Universidade Católica Portuguesa, 2006. p. 25-38.

HENDRSON, C. E. et al. Grandmother-grandchild relationship quality predicts psychological adjustment among youth from divorced families. **Journal of Family Issues**, [S. l.], v. 30, n. 9, p. 1245-1264, 2009.

JESUS, J. C. **Gerações sanduíche no Brasil**. 2015. 79f. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2015.

LEHR, U. A Revolução da longevidade: sociedade, na família e no indivíduo. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, RS, v. 1, p. 7-36, 1999.

MAINETTI, A. C.; WANDERBROOKE, A. C. N. S. Avós que assumem criação dos netos. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, RS, v. 17, n. 1, p. 87-98, 2013.

MARCONDES, G. S. O cuidar de si e os cuidados para com os outros: os desafios para avançar na conquista e consolidação de direitos. In: ITABORAÍ, N. R.; RICOLDI, A. M. (org.). **Até onde caminhou a revolução de gênero no Brasil?: implicações demográficas e questões sociais**. Belo Horizonte, MG: ABEP, 2016. p. 199-212.

MARCONDES, G. S. Continuidades e rupturas: relações entre avós, pais e netos em contextos de separação e recasamentos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA: SOCIOLOGIA: CONSENSOS E CONTROVÉRSIAS, 14., 2009, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Porto Alegre, RS: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2009.

MITCHELL, W. Research review: the role of grandparents in intergenerational support for families with disabled children: a review of the literature. **Child and Family Social Work**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 94-101, 2007.

MURPHY, M. J. Family and kinship networks in the context of ageing societies. In: TULJAPURKAR, S.; OGAWA, N.; GAUTHIER, A. (ed.). **Ageing in advanced industrial states**. Dordrecht: Springer, 2010. p. 263-285. (International Studies in Population, v. 8).

OLIVEIRA, A. R. V.; KARNIKOWSKI, M. G. O. Apoio financeiro oferecido por avós a netos adolescentes. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, SP, v. 15, n. 2, p. 145-158, 2012.

OLIVEIRA, A. R. V. et al. Relação entre avós e seus netos no período da infância. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, SP, v. 12, n. 2, p. 149-158, 2009.

OLIVEIRA, M. C. F. A.; MARCONDES, G. S. Novas e velhas tensões na articulação entre trabalho e família nas regiões metropolitanas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABET, 14., 2015, Campinas, SP. **Anais...** Salvador, BA: ABET, 2015.

OLIVEIRA, M. C. F. A.; VIEIRA, J. M.; MARCONDES, G. S. Cinquenta anos de relações de gênero e geração no Brasil: mudanças e permanências. In: ARRETCHE, M. (org.). **Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos 50 anos**. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 2015. p. 309-334.

OLIVEIRA, M. R. **As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos**. 2011. 193f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

PAULA, F. V. et al. Avós e netos no século XXI: autoridade, afeto e medo. **Revista Rene**, Fortaleza, CE, v. 12, número especial, p. 913-921, 2011.

PEIXOTO, C. E.; LUZ, G. M. De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. **Cadernos PAGU**, Campinas, SP, n. 29, p. 171-191, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n29/a08n29.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2013.

SAAD, P. M. Transferência de apoios intergeracionais no Brasil e na América Latina. In: CAMARANO, A. A. (org.). **Os novos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro, RJ: IPEA, 2004. p. 169-209.

VICENTE, H. M. T. **Família multigeracional e relações intergeracionais: perspectiva sistêmica**. 2010. 130f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Universidade de Aveiro, Portugal, 2010.

VITALE, M. A. F. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo, SP: Cortez, 2008. p. 93-105.

WAJNMAN, S. **Demografia das famílias e dos domicílios brasileiros**. 2012. 161f. Tese (Professor Titular) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2012.